



# CRISTINA WARTH

Isabela C. S. Mesquita  
Roberta De Bon S. Mesquita  
Luiz Henrique Oliveira  
(orgs.)

  
**palavra editada**

  
**led**

**110 ANOS**  
**CEFET-MG**  
TRADIÇÃO & FUTURO

Copyright © by CEFET-MG  
Todos os direitos reservados.

**Coleção Palavra Editada**

*Coordenação*

Luiz Henrique Oliveira

*Organização*

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

Luiz Henrique Oliveira

*Projeto gráfico, capa*

Letícia Santana Gomes

Samara Mirian Coutinho

*Diagramação*

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

*Revisão*

Luiz Henrique Oliveira

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

*Transcrição da entrevista*

Isabela Cristina Silva Mesquita

Roberta De Bon Silva Mesquita

Isabela C. S. Mesquita  
Roberta De Bon s. Mesquita  
Luiz Henrique Oliveira  
(orgs.)

CRISTINA WARTH

---

A374 Cristina / Letícia Santana, Samara Coutinho (orgs.).  
Belo Horizonte: CEFET-MG, LED, 2020

19 p. - (Coleção Palavra editada, v.1).  
ISBN: 978-65-87948-00-3

1. Edição. 2. Editora. 3. Editor. I. Santana, Letícia. II.  
Coutinho, Samara. III. Título.

---

CDD: 070.5

Ficha elaborada pela Biblioteca - Campus I – CEFET-MG  
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga CRB6 - 3261



**palavra editada**

## APRESENTAÇÃO

A presente edição do Palavra Editada tem como entrevistada a Cristina Warth, uma editora que assumiu para si o legado iniciado por seu pai ao criar a Pallas, ao se dedicar à produção de livros voltados à matriz afrodescendente. Assumir a Pallas se provou mais do que um trabalho, mas um compromisso afetivo passado de pai para filha e que agora é também transmitido para sua sucessora, Mariana.

A edição não é apenas um trabalho, mas uma vocação que demanda dedicação e uma relação de profundo afeto com o objeto livro. O legado de Warth se entrelaça à história da Pallas, de forma que a história de uma se funde com a outra, e o resultado não poderia ser outro que não a completa dedicação e (porque não dizer) devoção aos livros, notadamente aos de autoria negra e dedicados à cultura africana e afro-brasileira.

A entrevista com Cristina Warth foi muito aguardada por nós, tanto pela história de Cristina quanto a da própria editora, que foi uma das pioneiras na publicação de autores negros, na propagação da própria cultura afrodescendente. , Sua contribuição é incontestável, dando espaço para um segmento historicamente marginalizado desde épocas em que não havia lugar para a reflexão sobre a afrobrasilidade.

A Pallas Editora possui um lugar de destaque no resgate do protagonismo negro, ao dedicar parte de seu catálogo ao registro das várias tradições africanas, sejam elas no âmbito da religiosidade, da sociologia, da literatura, filosofia e costumes populares. As tradições orais africanas e afro-brasileiras estão presentes em todo seu catálogo, sejam em personagens, históricos ou fictícios, seja no seu selo infanto-juvenil Pallas Míni, ou mesmo nos livros de liturgia religiosa.

A Pallas segue atuando em várias frentes: livros de religião, livros de ciências humanas e sociais, os livros de literatura e os livros de literatura infanto-juvenil. Sua atuação na promoção e circulação de livros sobre

as religiões, saberes e culturas afro-brasileiras faz-se necessária frente ao cenário nacional atual, no qual podemos observar uma falta de diálogo e mesmo a proliferação de discursos conservadores contra políticas compensatórias. A Pallas Editora ocupa um espaço importante ao dar voz àqueles que estão à frente dos terreiros, dos centros, ao dar protagonismo aos afro-brasileiros, um espaço subversivo e provocador.

Cristina Warth faz parte de um grupo de editores que precisam ser estudados, dada sua importância e contribuição na configuração do cenário editorial nacional. Esperamos que, através da entrevista seja possível vislumbrar em alguma medida o caminho trilhado por Cristina, para assim compreendermos passado e presente, quem e o que são Cristina Warth e a Pallas Editora hoje.

Isabela C. S. Mesquita

Roberta De Bon S. Mesquita

Luiz Henrique Oliveira

Os organizadores

## PREFÁCIO

O campo editorial é uma área fecunda e que começa a ser explorada no contexto acadêmico brasileiro com mais ênfase nas últimas décadas.

Vários são os profissionais da edição, tais como o editor, o revisor, o capista, diagramador, revisor de provas, dentre outras funções, que dedicam sua vida à produção do livro. Para esses produtores, o livro não se restringe a um simples produto, mas se trata de um objeto dotado de valor afetivo e simbólico, que vai além do lucro e possível rentabilidade.

Tão importante quanto conhecer as estruturas que ditam a produção de um livro, é também necessário compreender os mecanismos que determinam as regras do jogo do campo editorial, conforme preceitua Pierre Bourdieu, em diversos de seus trabalhos. O campo, como espaço de embate entre os agentes, é regido por suas próprias regras, segundo o acúmulo de diferentes tipos de capitais. Há um constante confronto entre as forças que regem esse campo, que buscam galgar posições cada vez mais elevadas hierarquicamente, ao passo que quem já está no topo almeja manter seu lugar e poder. Logo, conhecer a lógica de funcionamento do campo torna-se fundamental para a sobrevivência no mercado editorial.

A coleção Palavra Editada traz ao leitor entrevistas com importantes atores do campo editorial. Através desses encontros, a palavra lhes é dada e as portas se abrem para conhecermos os personagens que estão do outro lado, produzindo o livro. Também descobrimos sobre a realidade por trás de algumas editoras. Aprendemos sobre suas histórias, ideologias, conflitos, motivações, seus bastidores e sobre o mundo que cerca os editores e as casas editoriais. Desse modo, conhecemos mais sobre importantes agentes que moldaram e moldam o cenário atual.

Nessa edição trazemos uma entrevista com a editora e responsável pelo gerenciamento da Pallas Editora, Cristina Warth.

A Pallas foi fundada em 1975 no Rio de Janeiro e desde então tem atuado com grande destaque no mercado editorial. Grande parte de seu catálogo é dedicado à temática afro-brasileira. Sua produção abarca títulos que vão desde a filosofia, sociologia, cinema, literatura, até a religião, buscando resgatar saberes sobre os povos africanos da diáspora, que contribuíram para a construção da identidade nacional.

Cristina Warth faz parte de um seleto grupo de editores que tem a atividade editorial como plano de vida. Inicialmente formada em história pela UFF, Cristina está à frente da Pallas Editora, a qual foi fundada por seu pai. Além de dar continuidade ao negócio da família, a filha de Cristina, Mariana Warth, também ingressou na área editorial, revelando uma relação com o livro que parece correr no sangue.

Desse modo, o leitor tem acesso tanto sobre a vida de Cristina, quanto sobre a Pallas Editora, histórias que se atravessam. Convidamos o leitor a dar continuidade e conhecer mais sobre essa história tão rica e que faz parte da historiografia do mercado editorial brasileiro.

Isabela C. S. Mesquita

Roberta De Bon S. Mesquita

Luiz Henrique Oliveira

Os organizadores

## ENTREVISTA

### **Roberta Mesquita: Gostaríamos de saber o que é a Editora Pallas para a Cristina.**

**Cristina Warth:** A Pallas é uma editora que surge em 1975. Um dos fundadores foi meu pai, Antônio Carlos Fernandes, então a Pallas era ele e alguns sócios. Ao longo do tempo, esses sócios foram saindo e acabou que, hoje em dia, entrei. Eu vinha da área de história, comecei a trabalhar ainda quando estava para me formar, mas acabei me formando e indo para a sala de aula. Cheguei a dar aula por alguns anos no que hoje em dia é como o fundamental II, que na minha época era o ginásio. Dei aula de história e fui coordenadora em escolas do Rio de Janeiro. Mas quando se tem um pequeno negócio de família, a família chama. Meu pai sofreu um acidente sério indo para São Paulo, depois descobriu uma doença ainda bastante jovem. Ele morreu antes dos 70, então meio que me pressionou: “Tenho uma empresa, e essa empresa é sua. Se você não vier para cá, se um dia eu não estiver aqui, isso vai ser um abacaxi.”

Talvez eu tivesse na época um medo de menina do trabalho em família, mas a verdade é que aceitei, felizmente aceitei, e a gente trabalhou junto por muitos anos, do fim da década de 1980 até 2003, quando ele faleceu. Ele chegou a ver a neta, a Mariana, começando a trabalhar na editora que hoje, inclusive, trouxe o selo infantil. Enfim, a Pallas é uma editora familiar fundada pelo meu pai que está na terceira geração, e acho que com marcas muito definidas da contribuição de cada editor. Consigo perceber muito bem o movimento que meu pai teve quando começou a trabalhar temas afro-brasileiros, o movimento que tive e o movimento da Mariana. Isso é muito legal também, o que significa um amadurecimento editorial, uma compreensão do processo. Meu pai era um homem que trabalhou numa editora, acabou sendo sócio de uma editora e criando uma pequena editora a partir de uma experiência que, para ele, vinha muito mais da área financeira. Ele era um contador que gostava de livros,

mas o universo dele não era esse. Então, em determinado momento da vida, ele foi fazer uma assessoria contábil numa empresa, teve contato com o universo dos livros e acabou participando da criação de uma pequena editora chamada Pallas, da qual ele não era o único sócio, mas acabou depois sendo o majoritário e trazendo a família para a editora.

Acho que ele percebeu uma questão no mercado: os livros populares na época eram ligados às religiões afro-brasileiras. Hoje compreendo que eles tinham um perfil mais utilitário: a reza, a cantiga, a vestimenta do orixá. É mais ou menos quando se olha o catálogo de uma Editora Paulina ou da Vozes, que tem aquele recorte dos livros, das orações, das trezenas... Meu pai fazia aquilo e dava muito certo! Significa que tinha um público para aquele tipo de livro e tinha público para consumir aquela produção de conhecimento ligada às tradições religiosas. Quando meu pai começou a me pressionar para ir para a editora, eu tinha muitos medos, medo do que significava trabalhar com o pai, como se estivesse voltando para casa, de onde havia saído muito jovem. Eu me casei com 19 anos, fui mãe muito cedo. Eu tinha uma militância que começou antes de eu entrar na universidade. Eu tinha um desconhecimento enorme desse universo afro-brasileiro, para o qual hoje olho com um olhar muito crítico e vejo as forças dos movimentos sociais. A força do movimento negro fez isto: mudar currículos, políticas afirmativas das universidades... Estudei na UFF, que é considerada uma das melhores universidades e uma das melhores faculdades de história do país. Em 1980, quando entrei, não tinha nenhum destaque para a história afro-brasileira ou africana. Existia história antiga, medieval, moderna, contemporânea, e a negritude entra quando embarcam os escravos nos navios negreiros para chegar às Américas.

Para mim, na universidade, a história afro-brasileira começava assim: embarcam-se negros escravizados nos portos africanos e, a partir daí, se tem uma história, que é contada de uma perspectiva europeia ou eurocentrada. Então, eu tinha primeiro esse desconhecimento e, segundo, os vícios de uma militância. Continuo achando que o caminho para a gente é o de uma sociedade mais justa, mas acho que hoje em dia entendo que a marca da escravidão é tão forte – tudo bem, tomara que um dia o socialismo chegue –, que as questões do racismo dentro da sociedade são tão violentas, que a gente tem que enfrentá-las também.

Só a luta socialista não vai dar conta disso. Sobretudo sobre as questões religiosas, que depois, com o passar do tempo, entendi. Hoje, considero que a gente chama de religioso porque existe uma perspectiva ocidental sobre uma visão africana que está mais integrada ao homem e à natureza como uma coisa única, como sagrado, que precisa ser preservado como um todo. A gente chama isso de religião, mas, na verdade, o que a gente chama de religioso talvez seja muito mais um pensamento filosófico, um modo de estar no mundo. Quando entrei e resolvi enfrentar essa provocação paterna, eu me dei conta de tudo o que eu não sabia. Então, isso marcou minha chegada na Pallas de maneira muito forte. Eu disse: “Não vou conseguir ficar fazendo apenas os livros de orações e cantigas.” Não que eles não sejam importantes; eu gostaria de saber o que é isso que a gente chama de comunidade de terreiro, que são as casas de Umbanda, as casas de Candomblé, o Tambor de Mina... O que essas comunidades pensam de si mesmas? O que elas produzem de conhecimento que deve ser difundido, desmistificado, já que a gente é tão afro-brasileiro na maneira de pensar, de agir, de falar, mas produz ou reproduz sem refletir e não dá o devido respeito ou compreensão?

A partir daí, comecei a entender: se falam em várias línguas africanas, têm o conhecimento iniciático, essas casas cumprem papéis de ressignificar dignidade, laços familiares, construções que foram perdidas e são construídas na diáspora, da maneira possível, em que o que uniu essas pessoas é mais forte do que suas diferenças, porque, assim como os europeus, existem centenas de sociedades ali, que na África se viam distintas mas que, dentro do processo de escravização, o dominador as vê como iguais e produz uma política de apagamento daquelas culturas e daquelas humanidades.

Quando cheguei à Pallas, o catálogo cresceu muito, com livros ligados a antropologia das religiões. Assim, comecei a pesquisar o que se produzia na universidade, mas também a circular em comunidades de terreiros e a dizer o seguinte: “Vocês precisam produzir conhecimento sobre si mesmos, precisam discutir e falar sobre suas questões em primeira pessoa, não ser só um objeto de estudo.” Muitos sacerdotes são intelectuais orgânicos daquele conhecimento, daquelas religiões. Então existe o caminho de formação da empresa, trabalho do meu pai, a chegada da Cristina dizendo para ele: “Olha só, quero fazer livros de ciências

humanas dentro dessa temática”, e ele me dizendo: “Faça, mas continue fazendo o que eu fazia também.” Então, o trabalho popular se mantém, mas os livros ligados às questões das ciências humanas cresceram no catálogo. É muito interessante porque, passei a ser a Cristina de uma editora chamada Pallas, eu não era a Cristina daquela Casa de Santo, não era a Cristina daquele determinado grupo da militância negra, não era a Cristina do grupo de mulheres tal.

Eu era a Cristina editora, por isso a circulação da editora com essa proposta foi muito acolhida por diversas casas. Eu falava, por exemplo, com um sacerdote como o Altair T’Ogum, que junto com a Pallas faz o *Cantando para os orixás*. A gente traduz cantigas iorubá e consigo ter com ele uma conversa. Ele tem firmeza, por exemplo, para dizer: “Isso precisa ser traduzido porque as pessoas cantam com a força do orixá, mas não sabem mais o que estão cantando, não falam em iorubá, e esse iorubá daqui é mais ou menos como o latim arcaico lá da missa. Esse não é o iorubá falado hoje na Nigéria. Isso precisa ser registrado, ser traduzido, e as pessoas precisam se apropriar desse conhecimento.”

Talvez eu me alongue um pouquinho, mas é interessante vocês ouvirem isso porque é uma editora que está trabalhando com um registro escrito de uma coisa que, tradicionalmente, não deveria ser registrada. Eu conversava com as pessoas e dizia: “Gente, não tem registro escrito porque as sociedades africanas originalmente não tinham esse registro escrito tal qual a gente entende.” E há a tal história do segredo, do que só se aprende ou é revelado a partir da iniciação. Mas aqui nas Américas, no Brasil, onde os africanos estavam sendo coisificados e sua cultura, desvalorizada, o segredo é um mecanismo de proteção. Agora, se a gente não registra, se a gente não o faz ser conhecido e respeitado, conhecido e estudado por aqueles que praticam, [se a gente não os faz] respeitados por aqueles que estão de fora da religião, mas que de alguma forma têm ponto de contato, isso vai se perder. Ou isso vai ser para poucos ou se fragiliza, porque a gente vive numa sociedade de registro escrito, e este código tem sua importância.

É muito interessante que uma editora fale isso. Hoje em dia, isso está naturalizado. Há editoras fazendo coisas que há vinte anos, quando comecei a fazer, ou quase trinta, as pessoas diziam: “Você vai fazer esse livro do Altair? Você vai morrer, o orixá vai te perseguir.” Eu respondia:

“O orixá não vai me perseguir, ele vai entender que a gente está fazendo uma coisa boa.” O próprio autor ouvia isso dos seus pares, e hoje tenho certeza de que a gente fez a coisa certa: traduzir as cantigas do iorubá para o português, do banto para o português, falar sobre o processo de iniciação e registrar. Ou fazer, por exemplo, os livros dos Odus com o mestre Agenor, aprendendo nesse processo também o que pode ser entendido por quem está de fora e aquilo que é iniciático. Ninguém está fazendo manual de formação de pai e mãe de santo ao produzir esses livros. Esses livros são de estudo, de registros, e não substituem a vivência religiosa. O que existe é o Antônio Carlos fundando a editora e a Cristina trabalhando com ciências sociais e, dentro delas, com políticas afirmativas, questões de cotas, antropologia, filosofia e aí por aí vai.

Quando chega a Mariana, no início dos anos 2000, um dos primeiros trabalhos que ela faz na editora é de um livro chamado *O menino Nito*, que é uma história simples e não conta nenhum mito africano. *O menino Nito*. É Nito de bonito. Trata-se de uma família negra, em que esse menino é esperado e desejado. É um livro sobre uma questão de gênero: menino não chora. O pai dele, um belo dia, chama Nito e diz: “Você é tão querido, é tão fofinho, é tão bonitinho, mas por tudo você chora, menino. Menino não chora!” E o que meninos e meninas querem mais? Querem ser iguais aos pais, agradar ao pai e à mãe, porque são nossos primeiros modelos.

Na história, Nito de repente fica doente. O doutor Aimoré é chamado para uma consulta, examina, conversa e diz: “Esse menino não tem nada, só precisa *desachorar*.” E já são quase vinte anos desde a primeira edição do Nito. Hoje em dia a gente tem até muito medo de mexer no Nito porque tem muito respeito. Quando olho para a ilustração, ela está um pouco datada, e digo: “O Nito já está adolescente. A gente precisava fazer, talvez, uma edição nova, reilustrar”, mas a gente tem medo de mexer. Há uma imagem do Nito que é ele botando o tijolinho com cimento, construindo um muro: e colocando todo o choro de um lado e, de outro, a parede que ele constrói, escondendo a emoção. Ele adoece por não poder chorar, e quando os pais entendem, quando o médico conversa com os pais, percebem que o Nito precisa *desachorar* e ele fica bom. Nito chora com o pai, que entende que aquilo não era bacana e que homem chora.

O que existe de legal nessa história? Eu me lembro que a gente vendia o



livro Nito em feiras e as professoras falavam: “É tão legal essa história, mas por que o menino é negro?”. A gente dizia: “E por que o menino não pode ser negro?” Ou seja, o primeiro livro de história infantil que a gente faz coloca uma família negra protagonizando uma história. Então o caminho da Pallas, a partir da Mari, foi começar com a bagagem que a gente tinha de um conhecimento robusto da cultura afro-brasileira não pela via da literatura. Poderia ter sido por esse caminho, muitas editoras começaram por aí, mas a Pallas começou pela via das ciências humanas e em seguida vieram os títulos de literatura infantil e de literatura.

A Pallas continua com várias frentes: livros de religião, livros de ciências humanas e sociais, os livros de literatura e os livros de literatura infanto-juvenil. A gente tem, hoje em dia, quatro frentes abertas, o que significa que há muito trabalho – às vezes bate um desespero de não dar conta de tudo. A gente jamais vai poder deixar de fazer os livros sobre as religiões afro-brasileiras, principalmente hoje, quando o Estado deveria ser laico. Quando a gente ouve um presidente falar que é contra a “cristofobia”, isso é mais ou menos dizer que preciso proteger os cristãos do país – que não estão sendo ameaçados –, proteger os heterossexuais – que não estão sendo ameaçados –, proteger os brancos do fato de os negros terem políticas compensatórias... É isso que a gente está ouvindo hoje. Então, mais do que nunca, acho que a gente tem que manter todos os campos da nossa editora funcionando muito bem. Temos que trabalhar e dar voz àqueles que estão à frente dos terreiros.

Quando a gente faz, por exemplo, o livro do Ivanir dos Santos que diz “marchar não é caminhar”, estamos discutindo a importância do diálogo inter-religioso frente à militarização dos evangélicos contra os terreiros. Acho que o trabalho da gente hoje é enorme, ligado a essas quatro frentes. Então, o que é a Pallas para mim? Começou como uma chamada do pai e hoje é uma paixão. Se minha filha não tivesse vindo trabalhar, eu a teria chamado por entender a importância, por trabalhar em uma coisa que tem sentido para mim. É muito legal um projeto familiar conseguir ter continuidade por três gerações. E Ela foi diferente de mim. Quando ela disse, praticamente recém-formada, que queria trabalhar com isso, ficamos assustados. Dissemos: “Mas será que você não devia ir antes para o mercado de trabalho”, mas ela foi de cabeça. Dois anos depois, parou para fazer o mestrado em produção editorial na Inglaterra, já

absolutamente convicta de que era aquilo que ela queria fazer na vida. Tenho dois netos, e espero que algum deles diga que quer trabalhar conosco.

### **Isabela Mesquita: Sua história se mistura com a história da casa editorial?**

**Cristina Warth:** Muito. Como eu trabalhava muito com a questão de orixá, tinha uns amigos de santo que me chamavam de “Cristina de Pallas”, porque tinha fulano de Iemanjá, beltrano d’Ogun, então brincavam comigo. O pessoal brincava “você é nosso cavalo”, porque tem essa coisa de quem recebe e passa a informação, tinha essa brincadeira, também porque já são muitos anos de fato fazendo isso. Hoje em dia é completamente misturado mesmo, minha vida é esse trabalho.

### **Roberta Mesquita: Gostaríamos de saber onde funciona a Pallas, se houve alguma alteração de endereço.**

**Cristina Warth:** Se fosse no tempo da não pandemia, a gente faria um *tour*. A gente funciona em uma casa muito simpática no subúrbio do Rio de Janeiro, em Higienópolis. As pessoas confundem com o bairro aristocrático de São Paulo, mas é um bairro de origem operária perto de Bonsucesso, numa casa já há muitos anos. Quando meu pai começou, era no centro da cidade, na rua Mem de Sá, perto da Lapa. Mas logo teve necessidade de ter um depósito um pouquinho maior, e a questão de custo também. Ter um depósito no centro do Rio naquela época era complicado, e hoje em dia seria muito complicado circular. As editoras têm isso de circular uma quantidade de livros que chegam da gráfica, entram no depósito, depois sai uma quantidade de livros. Mesmo com o mundo digital, o livro impresso não desapareceu, contrariando alguns prognósticos de anos atrás. O digital está crescendo devagarinho, tem importância, mas o impresso se mantém muito forte.

Antes, a gente funcionou na mesma rua. num antigo clube, que tinha uma quadra de futebol de salão, onde no fim de semana havia bailes. Quando o clube fechou, a Pallas alugou. Os escritórios e as salas do clube eram



nossos escritórios, e o depósito era a quadra coberta. Depois a gente se mudou para uma casinha na mesma rua, muito simpática. Tinha um quintal que virou depósito. Estamos muito perto do metrô e vamos ficar lá por muito tempo, é muito confortável, perto da linha vermelha e amarela do metrô, o que significa que a gente chega ao Centro, à Zona Sul, à Zona Norte e à Baixada com facilidade.

Livro é um negócio complicado, algo que tem muito volume e é proporcionalmente barato. Quando pesa muito, fica caro transportar, ocupa muito espaço para guardar. Então a gente precisa estar num lugar com um custo razoável para poder manter, tem que olhar tudo isso. Livro tem um custo. Isto aqui (pega um celular nas mãos) custa um dinheirão e pesa quase nada, custa quase nada para transportar. Mas isto aqui (pega outro livro), que pesa um montão, custa muito menos que isso, e para guardar precisa de um espaço. Semana passada, estávamos repondo o estoque de cinco títulos, 2 mil livros de cada. São 10 mil livros para arrumar.

### **Roberta Mesquita: A Pallas foi fundada em que ano?**

**Cristina Warth:** Em 1975, 46 anos já. Abril de 75.

### **Roberta Mesquita: Ele fundou foi com os sócios? Seria essa a origem?**

**Cristina Warth:** Sim, ele fundou com os sócios. Não tenho nenhum contato com esses sócios porque tem uma história anterior, quando ele trabalhou numa editora: a Companhia Editora Americana. Um dos sócios queria criar uma empresa para a segunda esposa, porque era um tempo em que não podia casar uma segunda vez porque não existia divórcio, então ele criou uma editora chamada Pallas para a segunda companheira. Foi essa empresa que meu pai comprou. A editora começou a ter as característica que tem a Pallas hoje a partir do trabalho da gente.

### **Isabela Mesquita: Você poderia nos falar um pouco dos valores da Pallas como casa editorial?**

**Cristina Warth:** Acho que a primeira coisa que aprendi na prática foi ter a preocupação de recuperar e registrar os saberes afro-brasileiros. Isto é uma questão importante para a gente: dar voz à população afro-brasileira e, de alguma forma, contribuir para que, a partir desse conhecimento valorizado, essa população reconte sua história, se reconheça e seja reconhecida. É muito duro quando se tem um vazio de conhecimento, quando não se tem acesso, quando esse conhecimento é apagado, ocultado. Por exemplo, a gente está fazendo agora um livro para crianças sobre o dragão do mar, sobre a história da abolição da escravidão no Ceará. Quantas pessoas sabem que o estado do Ceará aboliu a escravidão antes de todo o país? E que, quando a gente fala do dragão do mar, [estamos falando] do personagem histórico Francisco José do Nascimento, que estava à frente desse movimento? As crianças da escola não sabem, os professores da escola não sabem.

Existe a Lei nº 10.639, de 2003, mas estamos recém-formando a geração que vai trabalhar com isso. Então a própria temática da editora tem que se transformar num valor concreto de difusão da afro-brasilidade. Não é aquele discurso da mestiçagem, de que a mestiçagem dá conta de que somos mestiços e, logo, não existe problema de racismo. O problema do racismo é gravíssimo no país e não se resolve só com conhecimento. Infelizmente, só a produção de livros não vai dar conta dele, mas a produção de conhecimento instrumentaliza as pessoas, por isso acho que é uma pequena contribuição e valores importantes pra gente. Acho que, para que se concretize, precisamos ter pessoas negras trabalhando com a gente, até pela nossa própria temática. Também existem pessoas brancas produzindo conhecimento nessa área que vão ser editados, valorizados. Mas é importante que a gente tenha majoritariamente no nosso catálogo pessoas negras trabalhando sobre essas questões, no caso das ciências humanas. No caso da literatura, existe uma discussão muito importante sobre literatura afro-brasileira. Tem gente que diz que não existe. Acho que existe e que é uma discussão importante de ser travada. Não sei se respondi, mas é por aí.

## **Roberta Mesquita: Cristina, a editora tem ponto de venda física, loja virtual?**

**Cristina Warth:** Não, a gente não tem livraria. Vendemos pelo site, mas é importante que a venda aconteça majoritariamente na livraria, nos pontos de vendas, até porque é muito importante fortalecer a cadeia do livro. Nada contra ter uma livraria, e pode ser que daqui a alguns anos a gente queira ter uma. Mas ter uma livraria é um negócio diferente da produção de livros. Acho que a produção de livros já é uma coisa que exige tanto que hoje não vejo a gente como uma editora e livraria. Porque produzir nessas quatro áreas, já é muito trabalho, e nosso site é muito mais institucional do que de vendas. Quando digo que preciso valorizar o ponto de venda, se começo a vender ou a dar vantagem para aquele cliente que vai comprar no meu site, estou concorrendo com o ponto de venda, com a livraria. Então, no médio prazo, ao invés de fortalecer a cadeia, estou fragilizando a livraria. Acho que a venda no site é residual quando alguém pede, até porque hoje em dia – vi isso principalmente na pandemia – a venda de livros a partir das *plataformas digitais, mesmo das livrarias físicas que têm livrarias digitais, elas sabem fazer a venda digital, porque faço a venda por atacado, vou atender o distribuidor, o livreiro, o livreiro que está no Norte, no Nordeste, que está em Minas, que está no Sul.*

*Minha especialidade é mandar volume. Quando começo a fazer a venda um a um, faço isso pior do que o livreiro, porque o livreiro vende de um a um. E o livreiro é aquele camarada que entende, pelo menos o bom livreiro, que entende vários assuntos, então acho que a gente tem que querer que a livraria se fortaleça. Não vejo a Pallas como livraria, mas pode até acontecer. Há várias livrarias negras, gosto muito dessa ideia de livrarias especializadas. Existe a livraria de temática afro, de arte, de ciências humanas... Enfim, gosto muito disso porque vai ter um livreiro muito capacitado para atender o comprador, e esse comprador vai ter acesso a uma produção focada muito grande. Enfim, não temos ponto de venda, e não é uma coisa em que a gente pense neste momento. De vez em quando, alguém na editora provoca e digo: “Gente, já trabalhamos de segunda à sexta, chega em casa e é um tal de trabalhar para Pallas de noite... Trabalhar no sábado, no computador, tudo... Já pensou o que é ter uma loja?” A pessoa ainda quer ter uma loja, que trabalha sábado, que*

trabalha domingo, que não sei o quê... Quero não. Pode ser que um dia eu seja voto vencido, mas neste momento, não.

## **Isabela Mesquita: Cristina lembro aqui durante nossa entrevista, nossa conversa, que você chegou a falar que a Pallas seguiria quatro linhas editoriais, correto? Quais são?**

**Cristina Warth:** Na religião a gente trabalha o tema de religiões africanas, afro-brasileiras e da diáspora. Por exemplo, acabamos de lançar um livro sobre Ifá, tradição que está ressurgindo no Brasil. Uma filosofia africana que permanece na Nigéria, em Cuba, e que no Brasil está ressurgindo. Então há as questões de religiosidade, ciências humanas e sociais, literatura e literatura infanto-juvenil. Dá para definir quatro linhas principais.

## **Roberta Mesquita: Quais seriam os gêneros da Pallas?**

**Cristina Warth:** Quando se fala em literatura, a gente trabalha com romance: conto, crônica, poesia, teatro, e por aí vai. Nos infanto-juvenis é a mesma coisa. É pouca coisa ainda de quadrinho. Até agora temos a adaptação de *A cachoeira de Paulo Afonso*, de Castro Alves, que foi selecionado agora para o PNLD. Nas ciências humanas e sociais, temos filosofia, história, antropologia e economia. Quanto aos livros de religião, a gente vai ter Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Tambor de Crioula, Catimbó, Ifá etc.

Mas a temática afro-brasileira não tem que necessariamente ser uma coisa que engesse a gente. Explico: acabamos de lançar três livros infantis que não têm a temática afro-brasileira mas dialogam com nosso catálogo. Quando se fica absolutamente tomado pelo livro, principalmente no momento que estamos vivendo, sabemos: “Esses livros precisam ser feitos.” Então, há alguns livros que acho que dialogam completamente com a linha editorial da Pallas. Antes, a gente já tinha feito dois. *O livro negro das cores* que conta uma história de uma criança cega e de como uma criança que enxerga entende a condição do cego, como o cego

explica para uma criança que enxerga as cores a partir de uma percepção que não é da visão.

Vocês que trabalham com edição também vão aprender que os livros às vezes nos ganham pelos projetos. Esse projeto, aqui no Brasil, a gente apanhou muito para fazer, porque todas as ilustrações foram feitas no verniz em alto-relevo. É um livro preto com verniz e toda a ilustração pode ser tateada. Há o texto em Braille – para que a criança que enxerga entenda como é a leitura em Braille, há o alfabeto em Braille no final do livro –, e vão se contando as cores: vermelho, azul, amarelo, preto a partir das sensações. A gente falou: “Esse é um livro sobre inclusão, sobre diversidade, é o livro que devia estar no nosso catálogo.

O outro livro foi *Migrar*. Acho que, quando a gente fala da população negra, enxergo uma população usurpada, e de igual maneira a população indígena. *Migrar* é um livro mexicano que conta a história de um menino que sai da sua aldeia porque o pai já partiu e entrou clandestinamente nos Estados Unidos. No percurso até Los Angeles, em que ele entra de forma clandestina... Na época já tinha visto o filme da Guatemala A jaula de oro, que é muito duro, é a saga de quatro adolescentes tentando entrar nos Estados Unidos, sendo que uma delas é uma menina que tenta se disfarçar para ficar menos vulnerável por ser mulher. Quando vi o livro, que era ilustrado a partir de uma narrativa estética indígena – que se abria numa única ilustração como uma sanfona, em que em cada dobra tem uma parte da história narrada por escrito ao lado e constituindo-se numa única ilustração, compreendemos que o livro dialogava com todo o nosso catálogo.

Ainda nessa mesma lógica, um tempo atrás nos deparamos com a obra da autora chilena Maria José Ferrada. Ela tem vários livros, e três a gente quis editar dentro dessa mesma perspectiva. Um deles é sobre uma mulher velha - *Meu bairro*. Ela é uma mulher velha, com autonomia. Não é uma velhinha que alguém diz que é fofinha; é uma velhinha que fala de si mesma a partir das suas memórias, que fica feliz com seus amigos tão velhos quanto ela. Ela tem um apreço pelo bairro onde mora, tem uma rotina de que gosta. Dá para perceber que ela já foi jovem: há a fotografia do namorado, do marido que já morreu e que não está mais lá. Ela tem uma tatuagem no braço que é charmosa, e é velha, gordinha, feliz, independente.

Dessa mesma autora estamos produzindo outro livro que nos tocou muito, sobre as 34 crianças que foram mortas pela ditadura chilena. Na verdade, no processo do livro se descobriu que eram 33, porque no final do processo de escrita um homem de seus 40 anos, por teste de DNA, descobriu que era neto de uma das Mães da Praça de Maio. Um dia a gente vai ter que fazer isso sobre as crianças do Araguaia, porque ainda não foi escrito. A gente tem que provocar isso! Mas a gente decidiu fazer por entender a história como história universal, uma história latino-americana. No Brasil precisamos dialogar com os países ao lado. Então, a Ferrada fez o livro sobre essas crianças, o livro sobre a velhinha e outro livro que também tem tudo a ver com a gente recebendo tantos imigrantes em condição de precariedade.

Ela recupera a história de um navio chamado *Mexique*, que sai da Europa no período da Guerra Civil Espanhola e traz quatrocentas e poucas crianças para o México, para que elas, filhas de revolucionários que estavam lutando na Guerra Civil Espanhola sejam salvas... Essas crianças, a maioria delas, nunca voltou para a Espanha, porque a maioria desses pais morreu e porque a ditadura venceu naquele momento e depois veio a Segunda Guerra. Esses três livros têm algumas coisas que nos movem pela paixão.

E vai sair até o meio do ano, um tema completamente nosso, a autobiografia de Assata Shakur, militante do partido dos Panteras Negras que está exilada em Cuba, condenada à prisão perpétua nos Estados Unidos.

### **Roberta Mesquita: Quais são os principais títulos e autores publicados pela Pallas?**

**Cristina Warth:** Primeiro Conceição Evaristo é um grande nome. A gente tem três livros da Conceição. Em breve teremos novidades, mas hoje em dia a gente tem *Olhos d'água*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Conceição Evaristo é, hoje em dia, a autora mais importante da literatura contemporânea brasileira e da literatura negra, porque acho que a Conceição, para além do vigor, da importância da escrita, tem uma coisa emblemática de dizer para muitas mulheres: “Escrevo.” Assim como

acho que a literatura afro-brasileira cumpre um lugar até de lacuna da história, porque muita coisa que não foi contada ou estudada do ponto de vista das ciências sociais e da história como objeto começa a ser provocada a partir da literatura. Então, por exemplo, a Conceição é uma grande autora da Pallas.

Cidinha da Silva é uma grande autora da Pallas, e acho que aí tem outra pegada, tem uma militância e a questão de gênero muito forte na Cidinha. É difícil, porque acho que as duas são muito políticas, mas a Cidinha tem uma coisa da crônica, daí o texto menor e a captura do cotidiano, dos momentos políticos importantes de fazer uma crônica também da sociedade. A Cidinha da Silva é uma autora muito importante.

Eliana Alves Cruz é uma autora importantíssima. Lançamos dela o *Nada digo de ti, que em ti não veja*, que é um romance histórico. É muito importante falar da história do Brasil, do Brasil Colônia a partir de protagonistas negros. Olhar parte da história, um relato a partir de protagonistas negros e colocando uma mulher trans empoderada, isso é muito legal. A Eliana é uma autora muito importante.

Esse ano a gente lançou uma autora nova, a Clarice Fortunato, de *Da vida nas ruas ao teto dos livros*, que foi muito interessante e por sorte. A gente recebe muita coisa, é uma triagem muito difícil. Editoras recebem muita coisa, e os editores trabalham assim. Há projetos que são propostas da gente e projetos que chegam. Então vai chegando e vai chegando e vai chegando, e algumas coisas a gente lê. Foi engraçado esse romance. Bati o olho e comecei a ler, fui absolutamente tomada pelo romance. Li de uma vez só. Subi a escada e falei para a Mariana: “Li um texto de uma menina nova que a gente vai fazer.” Liguei para essa menina. É uma autobiografia de uma pessoa que inclusive viveu nas ruas do Sul do país, viveu a questão do abandono, da precariedade da vida nas ruas, a ameaça, viveu uma situação muito dura para a gente. Lembra quando alguém vê um mendigo branco e diz “um rapaz bonito”, porque a negritude não tem beleza para o olhar racista, não comove. Quando a pessoa [negra] é bonita, [a outra] pessoa diz “exótica”; a negritude na rua não causa comoção. Ela é uma criança que vive na rua com a mãe, com uma família completamente desestruturada, e consegue refletir sobre isso. Quando fazemos um [livro] como esse, é muito difícil, porque a gente não quer

que isso seja exemplo para dizer o seguinte: “fulano que não saiu dessa é porque não quis”. A maioria das pessoas não sai dessa porque é muito difícil. O mais comum, o mais esperado, é que essa pessoa tivesse sucumbido. Mas felizmente ela não sucumbiu, e hoje é uma doutora em letras, pode refletir sobre isso.

Ao refletir sobre isso, ela vai tocar muito mais aqueles que estão no privilégio, a mim, a vocês, que temos teto e que podemos olhar para o outro e fazer alguma coisa. Não apenas a coisa existencialista, mas a coisa é muito política: cobrar política de Estado, políticas afirmativas que tirem as pessoas dessa condição. Porque as pessoas nessa condição vão morrer ou vão agredir, não tem outra. Ela consegue escrever não apenas como relato; ela tem uma qualidade de escrita maravilhosa, faz uma coisa que muita gente anda fazendo que é parte da escrita dela, é parte do doutorado dela. Ela se autoriza a escrever, a ficcionalizar, depois problematiza sua própria condição, com uma condição que não é só dela, mas ela tem coragem de falar sobre si mesma. Ao falar sobre si, ela nos toca, porque às vezes as pessoas têm grandes histórias. Acho que a gente tem essa situação de que precisa que muita gente escreva, mas nem todo mundo é um artista da palavra. A gente que é editor, que se propõe a editar sobre esse tema, nós devemos saber isto: quando estamos classificando relatos como literatura.

O relato da Clarice é literatura de altíssima qualidade. Há outros que são relatos e que talvez, se ficcionados, virassem um grande livro, mas que não necessariamente são textos literários. Há esse afã de registros, mas nem tudo é literatura. A gente acha que literatura é uma arte, a arte de lidar com o texto. Um editor pode ser um grande diretor, mas não é um literato. Não sou uma literata, sou uma pessoa sensível capaz de valorizar isso, mas não sei escrever como alguém que está fazendo literatura. Poderia fazer um bom texto técnico de ciências humanas, apresentar um autor, mas não é literatura. Então, você me perguntou sobre os grandes autores. Essas são grandes autoras de literatura.

Sonia Rosa é uma grande autora de literatura infantil. Teresa Cárdenas, que é cubana e ganhou o prêmio Casa de las Américas, é uma grande autora afro-cubana. Léonora Miano, de Camarões, é uma grande autora africana, prêmio Femina na França e prêmio Goncourt des Lycéens, ou

seja, ela ganhou com *Contornos do dia que vem vindo* o prêmio de melhor livro de literatura para o que seria o nosso ensino médio. Nesse livro, uma menina conta sua história em um país surgido a partir da Guerra Civil de independência. Na verdade, a gente sabe que o que geralmente a metrópole faz é deixar a política da terra arrasada. O que sobra depois é um país sem estrutura. E ela fez um grande romance histórico que é duro de ler: *A estação das sombras*, que conta a história do tráfico de escravos sem que aqueles que estão vivendo isso entendam que é tráfico. Ela conta a história do tráfico a partir de 12 homens jovens que desaparecem da noite para o dia numa sociedade no interior da África. A sociedade entende que desapareceram: “Será que eles morreram? Será que alguém atacou e eles foram mortos? Será que eles foram capturados por alguém?”. Mas após vários dias do desaparecimento, a sociedade não sabe o que fazer, inclusive com o luto, que era protagonizado sobretudo pelas mulheres que seriam as mães ou as esposas, mas sem os corpos vemos a desestruturação social.

Isso vira uma questão: “O que a gente faz com essas mulheres?” Uma delas resolve procurar por eles, pois se não tem corpo, eles devem estar em algum lugar. Ela vai, então, tentar. Isso vai fazer com que, em algum momento, ela vá até alguém que está contratando, fazendo a captura dos africanos, para que eles cheguem até o litoral e sejam embarcados. Ela, de certa forma, aponta o assombro das diversas sociedades africanas com a destruição dessas sociedades para alguma coisa que não estão entendendo. Isso vai se dar durante muito tempo, porque o que o europeu faz? Ele chega à costa, corrompe a sociedade ou ameaça. Ele corrompe também a partir de alguma coisa que também ninguém entendia exatamente: “você vai ser embarcado?”. Mas ninguém entendia o gigantismo dessa situação. Então, Leonora é o outro grande nome.

Nei Lopes é um grande nome. O Nei é um cara multifrentes, porque é bom na literatura, é um grande pesquisador, é um grande dicionarista. Temos dele livros maravilhosos. A gente fez dele o *Dicionário da interlândia carioca*, porque o Rio de Janeiro, por ter sido a capital do Império, da República, berço do samba, a gente tem tantas expressões aqui, tantas personalidades, coisas absolutamente cariocas que têm importância nacional. Nei é capaz de registrar um dicionário da interlândia carioca condicionado, ligado ao subúrbio, às classes populares, à classe

trabalhadora. E não bastasse isso, ele produziu também o Dicionário Literário afro-brasileiro, o Dicionário dos termos bantos do falados no português do Brasil. O Nei é um cara que entende de Candomblé, que entende de Ifá. É um grande nome. Tem também o Eduardo de Assis, que coordenou o *Literatura afro-brasileira (vol.1: 100 Autores do século XVIII ao XXI)* e o *Literatura afro-Brasileira (vol. 2: abordagens na sala de aula)*.

A historiadora Ynaê Lopes dos Santos, que escreveu *História da África e do Brasil afrodescendente*. Hoje ela leciona história da África e história afro-brasileira, que era uma cadeira que não existia na universidade poucos anos atrás. São vários autores trabalhando para registrar essa história. A Stefania Capone estuda as religiões africanas da diáspora há muito tempo. Ela é italiana de nascimento, mas a carreira dela foi feita entre Sorbonne e CNRS, onde hoje em dia ela é diretora, com passagem pelo Museu Nacional, onde ela veio para fazer mestrado e doutorado. Dela editamos *A busca da África no Candomblé, “Os yorubás do Novo Mundo*; e um infantil, *Modupé, meu amigo*. O Ivanildo Santos, que é um babalaô, escrevendo e está hoje dentro da universidade. A gente tem muito trabalho de provocar as pessoas, de dizer para escreverem. Se eu for falar aqui não vai acabar. São muitos. O autor Ondjaki, angolano, tem quase uma dezena de obras editadas pela Pallas. São vários, vários, mas acho que, sobretudo, as autoras de literatura que dão um destaque no catálogo.

### **Isabela Mesquita: Queremos perguntar a respeito dos selos, porque você tinha mencionado que sua filha Mariana trouxe algo...**

**Resposta:** Ela abriu a literatura infantil. Não falei de um autor que também foi muito legal de fazer. São dois infantis que eu gostaria de falar. Primeiro é o Lázaro Ramos, porque não foi uma situação em que a gente provocou o Lázaro para escrever. O Lázaro chegou a partir de um texto pronto, a gente está lançando agora o terceiro livro dele daqui a pouquinho, inclusive ilustrado pelo Edson Ikê, que vai ser *Edith e a velha sentada*. Mas a gente fez *O caderno de rimas do João* e *O caderno sem rimas da Maria*. Ele é um autor que chegou pronto, que chegou se autorizando a escrever, que tem uma formação de ator, formação como



artista muito sólida, e que escreve muito bem. Ele escreveu motivado pela paternidade, e isso é muito legal. Assim como a Janaina de Figueiredo, que escreve um texto chamado *Meu avô é um tata..* É o avô da Casa de Santo, a espiritualidade que acolhe, que a criança diz que é um tata, e que admira. Não é um livro fácil, porque, hoje, esses livros não são fáceis no mercado. Há dificuldade de entrar na escola, nessa escola quadradinha que a gente está vivendo. Esse professor também que está perdendo a autoridade de sala de aula, não sei... Estou muito preocupada com isso. Agora é o grupo de WhatsApp dos pais que controla os professores. Uma coisa que podia ser boa anda sendo muito complicada.

Quando a Mariana chegou, ela, primeiro, trouxe a literatura infantil. Minha primeira reação foi: “Nossa, Mari, mas é um universo que a gente não domina, porque a literatura infantil tem duas linguagens. Tem a linguagem da imagem, que não é só recontar uma história; é dialogar com essa história e contar outras coisas”. Quando a gente falou sobre o menino Nito construindo muro, essa imagem não existe no texto. Ela parte da sensibilidade do ilustrador, o ilustrador fez a imagem. Às vezes, a imagem é mais um componente, é mais uma coisa sobre a qual a gente tem que se autorizar e se formar para trabalhar e estudar.

Falei: “Nossa, Mari, será que a gente vai saber fazer isso?”. Ela queria esse universo e respondeu: “Eu cuido.” Hoje em dia a gente cuida junto. Hoje em dia, os títulos infantis são tão importantes que a gente criou um selo chamado Pallas Mini. A Pallas continua fazendo livros infantis, mas é como se a gente dissesse que a Pallas Mini é o lugar da experimentação: “quero fazer esse livro especial, capa dura”, ou “quero fazer igual ao livro nosso que ganhou o Jabuti, *Força da palmeira*”, “quero fazer um livro que tem página dupla, quero um tema especial...”. A Pallas Mini é o lugar do “Vamos fazer um negócio diferente!”. Hoje são dois selos: a Pallas e a Pallas Mini.

### **Roberta Mesquita: E o que podemos esperar daqui para a frente?**

**Cristina Warth:** De novidade? Já contei para vocês sobre os infantis, mas acho que o grande livro, grande lançamento, da Pallas agora para o final do ano é o livro *Assata Shakur – uma autobiografia*. Era um livro que

queríamos editar havia muito tempo. A gente namorava havia quatro anos, mas esses últimos quatro anos do país foram muito difíceis. Quando começamos a respirar, veio a pandemia, e falei: “Gente, a gente vai fazer o que? A gente programou de qualquer jeito. Senão a gente vai começar a acreditar que a pandemia é mais forte que a gente, né?”. Então a Assata Shakur está chegando. É um livro superimportante. Tem surpresas de literatura, mas surpresa é surpresa, não estou autorizada a falar.

Está vindo um livro muito interessante do geógrafo Kauê Lopes dos Santos que trabalha com a divisão internacional do trabalho e estuda o caso emblemático de Gana, que recebe o lixo eletrônico das grandes potências capitalistas e entrega metais preciosos, importantes para a área da tecnologia.

Enfim, Fizemos aqui um apanhado geral do trabalho da Pallas. Muito ainda poderia ser dito, mas espero que fique como um pequeno registro para os interessados na memória da produção editorial brasileira

**Isabela Mesquita: Cristina, gostaríamos de agradecer mais uma vez pela entrevista. Foi muito proveitosa. Queremos agradecer ao Luís também por nos ajudar.**

## **Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**

### *Diretor-Geral*

Prof. Flávio Antônio dos Santos

### *Vice-Diretora*

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

### *Chefe de Gabinete*

Profa. Carla Simone Chamon

### *Diretor de Educação Profissional e Tecnológica*

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

### *Diretora de Graduação*

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

### *Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação*

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

### *Diretor de Planejamento e Gestão*

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

### *Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário*

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

### *Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional*

Prof. Henrique Elias Borges

### *Diretor de Tecnologia da Informação*

Prof. Gray Faria Moita

## **Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição**

### *Coordenadora*

Profa. Joelma Rezende Xavier

### *Coordenador Adjunto*

Prof. José de Souza Muniz Jr

**LED** é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Av. Amazonas, 5.253, sala 344 – Nova Suíça

Belo Horizonte, MG, Brasil – CEP 30.421-169

Telefone: +55 (31) 3319-7140

### *Coordenador*

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

### *Vice-coordenador*

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

### *Comissão Editorial*

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Profa. Dra. Maria do Rosário Alves Pereira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

### *Conselho Editorial*

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

Livreto produzido nas tipografias Cambria e Londrina Solid no inverno de 2021.